



#cm  
2  
QUINTA-FEIRA

# UM BEATLE

# REINVENTADO

O documentário **‘Man on the Run’**, de Morgan Neville, retrata a década **transformadora de Paul McCartney** após o **fim dos Beatles** e a criação dos **Wings**. Pág. 2



# O homem que escalou todas as montanhas e decidiu começar tudo de novo

AFFONSO NUNES

**A** ruptura dos Beatles em 1970 deixou uma pergunta que reverberou fortemente por toda a indústria musical: o que acontece quando alguém acorda na manhã seguinte após deixar a banda mais importante de todos os tempos? Paul McCartney tinha uma resposta: agir, recomeçar. Em abril daquele mesmo ano, lançaria seu primeiro álbum solo, simplesmente intitulado “McCartney”, e quando questionado sobre seus planos futuros, disse apenas que pretendia “crescer”. O documentário “Paul McCartney: Man on the Run”, dirigido por Morgan Neville, investiga justamente essa década de transformação e renascimento criativo que se seguiu e fez dele o mais popular entre os ex-beatles.

Neville, cineasta vencedor de Oscar, Emmy e Grammy por trabalhos como “Won’t You Be My Neighbor?” e “20 Feet From Stardom”, constrói uma narrativa que examina a vulnerabilidade e os desafios enfrentados por Paul durante a formação e ascensão dos Wings, a banda que formou nesta nova fase de sua carreira e que reunia sua mulher Linda McCartney (vocal e teclados), Denny Laine (vocal e guitarra), Denny Seiwell (bateria) e Henry McCullough (guitarra).

Após um início morno, a banda se tornou uma vitrine para as habilidades magistrais de composição de Paul e acabou por tornar-se o grupo pop mais vendido da década de 1970, com impressionantes 27 hits no Top 40 dos EUA e cinco álbuns consecutivos em primeiro lugar, incluindo os aclamados “Band on the Run” (1973) e “Wings at the Speed of Sound” (1976).

O documentário se apoia em imagens de arquivo, fotografias



Linda McCartney

Paul McCartney em sua fazenda na Escócia no período imediatamente posterior ao fim dos Beatles



Divulgação

Livro de Tom Doyle trata da carreira de Paul no pós-Beatles

Paul, Linda e os músicos do Wings, banda massacrada pela crítica mas que tornou-se um fenômeno comercial dos anos 1970



Divulgação

feitas por Linda McCartney em várias situações e entrevistas com Paul, Linda, suas filhas Mary e Stella, além de diversos integrantes dos Wings, Sean Ono Lennon, Mick Jagger e Chrissie Hynde, entre outros, também dão depoimentos ao cineasta. O resultado é um retrato íntimo de um período que, embora comercialmente bem-sucedido, foi marcado por profundos questionamentos artísticos e pela necessidade do artista provar seu valor fora do contexto que o consagrou, sobretudo a parceria com John Lennon.

O documentário será lançado nos cinemas de países selecionados, com cada sessão incluindo uma conversa especial entre Paul e Neville. Após a exibição nas salas de cinema, o filme chega ao Prime Video em 27 de fevereiro, disponível em mais de 240 países.

O lançamento de “Man on the Run” integra um movimento mais amplo de reavaliação do legado dos Wings. Em 2025, foi publicado o livro “Man on The Run: Paul McCartney nos Anos 70, de Tom Doyle, descrito pelo

jornal “The Sunday Times” como “a história de um homem que escalou todas as montanhas e decidiu começar tudo de novo”. Tanto o documentário quanto o livro reafirmam a reinvenção musical de Paul naquela década, oferecendo novas perspectivas sobre um período frequentemente reduzido pela crítica como uma mera continuação de sua genialidade nos Beatles.

Paralelamente, a coleção “Wings” foi lançada em diversos formatos, de box com três LPs a 32 faixas digitais com novas mixagens em Dolby Atmos. A antologia, curada pelo próprio Paul, traça a trajetória da banda desde sua formação até se consolidar como um dos maiores sucessos comerciais da história da música. O início de 2025 também marcou os 50 anos de “Venus and Mars”, um dos álbuns mais reverenciados dos Wings.

A turnê comemorativa do artista, batizada de “Got Back”, que correu o mundo ao longo de 2025, demonstra que, aos 82 anos, Paul mantém a energia e o compromisso com a música.



# Um Redentor percurso

Vencedor do Festival do Rio, 'Pequenas Criaturas' se firma, antes da estreia, numa invejável travessia por maratonas cinéfila, com elogios colhidos em festival sueco e em Tiradentes

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

Falta um tempinho ainda até "Pequenas Criaturas", o vencedor do troféu Redentor de Melhor Filme do Festival do Rio 2025, estreiar: só 30 de abril. No entanto, o gostinho de "vale a pena ver de novo" deixado por esse delicado inventário de cicatrizes dirigido por Anne Pinheiro Guimarães, em sua consagrada passagem pela *Première Brasil*, em outubro, hoje mobiliza diferentes maratonas cinéfilas ao redor do planeta.

Na Mostra de Tiradentes, no último dia 25, em meio a uma sessão na praça da cidade mineira, não havia quem não se encantasse pelo desempenho de Carolina Dieckmann à frente de uma figura, Helena, de quem a vida resolveu tirar tudo... ainda que em penosas prestações. Um alívio (talvez) amoroso lhe chega na figura de Caco Ciocler, numa atuação daquelas de se aplaudir de pé. Fora isso, tem Fernando Eiras, o titã habitual do cinema de Júlio Bressane... e de palcos cariocas, reafirmando sua alta voltagem dramática, assim como Letícia Sabatella, que abrilhanta nossas telonas bem menos do que a gente precisa.

Essa trupe em estado de graça, enquadrada meticulosamente pelo diretor de fotografia Pablo Baião, fez com que Anne amolecasse corações em latitudes escandinavas, bem longe das Geraís, no festival de Gotemburgo, na Suécia. Concorreu lá numa seção que leva o nome daquele que foi o mestre supremo da realização: Ingmar Bergman.

"Acho que a Brasília do filme se mostra universal no que ela é

cenário de uma história universal - uma história de afetos e encontros de personagens solitários com sede de conexão", adianta Anne, contextualizando, neste papo com o Correio da Manhã, a cidade que lhe serve de arena para uma trama ambientada em 1986.

A direção de arte de Claudia Andrade, premiada no Festival do Rio, pavimenta a beleza (mas também a solidão) da capital do país revisitada nessa produção da Bananeira Filmes, de Vânia Cattani. Cercada de compromissos com telenovelas da Globo, Carolina Dieckmann, que entra em circuito hoje com "(Des)Controle", comove olhares por onde passa com a sofreguidão de Helena. Logo após redemocratização, depois do movimento Diretas Já!, no desfecho do regime militar, ela chega em

“Acho que a Brasília do filme se mostra universal no que ela é cenário de uma história universal - uma história de afetos e encontros de personagens solitários com sede de conexão”

**ANNE PINHEIRO GUIMARÃES**

Brasília com o marido e dois filhos. Mal os caixotes encostam no chão, ele parte. Ela fica. Tem que cuidar de uma casa ainda por abrir, com uma rotina que não escolheu, com uma quase metrópole estranha que não lhe oferece colo, só espaço. No meio desse vazio, surgem encontros que parecem desvios, mas são rotas de sobrevivência.

"Brasília mudou muito nesses 40 anos, então o desafio foi buscar locações e enquadramentos que fossem fiéis à época e às sensações que o filme buscava recriar", explica a diretora, que rodou curtas como "Desejo" (2005) e séries como "As Canalhas" (2015) e "Desnude" (2018), além do longa "Transe" (2022), feito a quatro mãos por Carolina Jabor. "A sorte é que Brasília é uma cidade tombada, patrimônio cultural, o que ajuda. Mas a

Premiado no Festival do Rio, 'Pequenas Criaturas' foi exibido em praça pública para uma entusiasmada plateia em Tiradentes

cidade cresceu muito nesses anos, assim como a vegetação que antes era de árvores pequenas, secas e retorcidas, cerrado mesmo, e hoje a cidade é cheia de árvores frondosas. Foi um grande trabalho de subtração e enquadramento".

Dois jovens atores brilham em "Pequenas Criaturas", em papéis de salpicados pelo senso de descoberta: Théo Medon e Lorenzo Mello. Theo vive André, um adolescente que tenta decifrar as regras não escritas das quadras e das super quadras. Ele é perseguido, apaixonado-se, faz uma amizade improvável, acha uma arma, sonha com uma mobinete. Aos poucos, percebe que a confusão em seu entorno se estende para sua casa. Já o pequeno Dudu (Lorenzo), aos 7 anos, vive a Brasília que cabe no bolso. Tampinhas de refrigerante e palitos de picolé premiados enfeitam sua imaginação. Em meio a brincadeiras possíveis, atrai a atenção de um vizinho enigmático (papel de um vulcânico Eiras).

Em Tiradentes, correu pela cidade, na noite em que "Pequenas Criaturas" passou, um elogio daqueles de se guardar no lado esquerdo do peito: "Que filme de amor!".

"Adorei essa frase entreouvada na Mostra de Tiradentes. É exatamente isso", retruca Anne. "É sobre amor, amizade, conexão, afetos... tudo que todo mundo precisa tanto. A cena final do filme dá aos personagens uma experiência comum, essa conexão concreta, algo incrível, inacreditável, que só eles terão vivido, juntos. Uma experiência que os une de forma definitiva, porque quem vai acreditar?"





# Lâmina da excelência

Festival de Roterdã vê o cinema de ação galgar novos horizontes com 'Lone Samurai', um thriller espadachim com canibais assassinados e inquietude existencial



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Filmes de ação, daqueles que gotejam sangue, raramente encontram vitrine nos festivais classe AA do cinema, com pontuais exceções. “Tempo de Matar” perfumou a Berlinale de pólvora em 2020; “Drive” (2011) saiu premiado de Cannes depois que Ryan Gosling esmagou inimigos a golpes de martelo; “A Vingança É Minha, Todos os Outros Pagam em Dinheiro”, da Indonésia, ganhou o Leopardo de Ouro em Locarno, em 2021, voltando o kung fu contra o sexismo. Não é impossível haver espaço para iguarias movidas a tapa na cara e lâminas em pescoços onde troféus prestigiosos estão em jogo. Roterdã, evento criado na década de 1970, na Holanda, que abre o circuito anual das maratonas cinéfilas internacionais de maior relevo, sempre dá lugar a pérolas do tipo que dá tiro ou corta fundo.

Mas até para os padrões de sua programação anual, sequências de luta com o nível de excelência de “Lone Samurai” são raras. Dirigido por Josh C. Waller, um americano da Califórnia que abriu uma produtora em Portugal, o longa-metragem é um thriller de embates armados (espada de um lado; machadinhas, tacapes, lanças e flechas do outro), nos moldes de épicos de Akira Kurosawa (1910-1998), só que com... canibais.

“Kurosawa era um mestre como cineasta e contador de histórias. Não há nada além de inspiração vinda dele e dos seus filmes, mas também adoro Masaki Kobayashi, Kihachi Okamoto e Takashi Miike, para citar alguns”, explica Waller, em entrevista por e-mail ao Correio da Manhã. “Não me inspirei apenas no cinema japonês e no cinema Chanbara (um filão dedicado a narrativas de samurais, criado nos anos 1920). Quando assisto a ‘Lone Samurai’, vejo todos os diferentes filmes dos quais ‘tirei’ inspiração. Todos os filmes que me inspiraram a fazer o meu, incluindo filmes que me marcaram quando era criança. Pode até ser apenas um pequeno momento que ninguém percebe, exceto eu,



Um espadachim silencioso luta pela sobrevivência numa ilha cercada de perigos em ‘Lone Samurai’



“Kurosawa era um mestre como cineasta e contador de histórias. Não há nada além de inspiração vinda dele e dos seus filmes, mas também adoro Masaki Kobayashi, Kihachi Okamoto e Takashi Miike, para citar alguns”

JOSH C. WALLER

completa o cineasta elencando “Velocidade Máxima” (“Speed”, 1994), “O Fugitivo” (“The Fugitive”, 1993) e “Duro de Matar” (“Die Hard”, 1988) entre os pilares da adrenalina que o formaram, paralelamente a influências asiáticas.

Como produtor, ele assina um cult nas raías da barbárie (e do trash) aclamado na Quinzena de Cineastas de Cannes, em 2018: “Mandy: Sede

de Vingança”, de Panos Cosmatos, com Nicolas Cage. Como realizador, dirigiu a dublê profissional, atriz e parceria sazonal de Tarantino Zoë Bell em “Perseguição na Floresta” (“Camino”, 2015) e “Raze: Lutar ou Correr” (“Raze”, 2013).

“Fazer um primeiro filme, que fosse um filme de ação, e ter uma das melhores dublês do mundo como protagonista, foi uma lição que

nunca esquecerei”, elogia o diretor, que se mudou para a Península Ibérica após a pandemia e fundou, em solo português, a Woodhead Creative, firma disposta a ajudar quem almeja rodar tramas de gênero na “terrinhã”.

Com todo o caldo cultural que o cerca, Waller fez em “Lone Samurai” uma epifania não só em padrões cinematográficos (físicos), mas em padrões existencialistas. Levado por uma onda a uma ilha desconhecida, seu personagem central, o ronin Riku, vivido por Shogen (ele se chama Shogen Itokazu, mas dispensa o sobrenome), está gravemente ferido, assombrado por visões de sua feliz vida familiar no Japão. Enquanto vagueia pelas florestas, montanhas e cavernas da Indonésia, ele vê uma epopeia de sobrevivência tomar um rumo sangrento ao esbarrar com uma comunidade que devora carne humana.

Para interpretar os canibais, o realizador escalou um par de artistas marciais indonésios cultuados: Yayan Ruhian e Rama Ramadhan. Com eles em duelo selvagem contra Riku (Shogen), Waller dá ao cinema um balé que transcende a brutalidade.

“As acrobacias sempre farão parte dos filmes de ação, isso é inerente ao gênero. Mas acho que um cineasta precisa se perguntar constantemente: posso fazer melhor? Isso pode ser melhor? Não para ser perfeccionista, mas para buscar algo único. Cada um de nós é diferente, com perspectivas e ex-

periências diferentes, então acho que quanto mais nos concentrarmos em nós mesmos, melhor”, diz o cineasta, avançando por um espaço do chamado gore, termo que se refere à exposição explícita de entranhas evisceradas, como se vê em longas recentes como a trilogia de horror “Terrifier” (2016-2024) ou em “Beekeeper” (2024). “É possível ter gore em qualquer gênero, não apenas na ação, desde que faça sentido para a história. Não sou realmente um cineasta do exibicionismo, então só gosto de usar ferramentas — como gore, nudez etc. — se a história realmente justificar. Caso contrário, quem precisa disso? Sinto o mesmo em relação ao gore no terror”.

Sobre valores, Waller dimensiona um experimento como “Lone Samurai” como o resultado de um custo baixo... como costuma ser a média das atrações de Roterdã.

“O orçamento do filme não foi tão alto quanto se poderia imaginar, e nem de longe o que queríamos. Mas acho que, quando se está rodeado da equipa certa, acaba-se sempre com o filme que se deveria ter”, diz o diretor.

Roterdã segue até domingo e, em suas distintas vitrines, o cinema brasileiro tem se destacado na competição, com a ficção científica “Yellow Cake”, com Tânia Maria, e com o terror de tons cômicos “Privadas de Nossas Vidas”, no qual Gustavo Vinagre e Gurcius Gewdner contextualiza excrecências como signos da intolerância nossa de todo dia.



## ENTREVISTA | CHARLOTTE GLYNN

CINEASTA

# ‘Deixo a emoção se expressar pelo plano, na imagem’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

Único filme dos Estados Unidos na competição principal de Roterdã, a Tiger, onde a produção americana raramente entra para concorrer, “The Gymnast”, de Charlotte Glynn, trouxe um colorido invernial, mas afetuoso, a um painel multinacional de miradas sobre exclusão, lutas políticas e resiliências sentimentais. Estreante em longas-metragens de ficção, com curtas de prestígio como “Jewish Girls Are Easy” (2014) no currículo, sua diretora rodou, há cerca de 16 anos, um documentário de tom personalíssimo, “Rachel Is”, que já demarca sua visão intimista. Sua produção mais recente, que a leva ao prestigiado festival holandês, tem uma paulistana, a montadora Lia Kulakauskas, assinando a edição.

Em “The Gymnast”, ambientado no início dos anos 1990, a jovem atleta Monica (Britney Wheeler) tem a ambição de disputar os Jogos Olímpicos de 1996, em Atlanta. É lá que ela quer estar, a representar os EUA na ginástica. Mas um acidente repentino torna improvável, na melhor das hipóteses, o seu futuro como atleta de elite. Seu mundo desaba, juntamente com o de seu pai, que fez tudo para apoiar a carreira de sua filha. Os dois têm de se reinventar.

O páreo de Charlotte em Roterdã é pesado, a julgar pela inventividade de seu concorrente brasileiro, a sci-fi “Yellow Cake”, de Tiago Melo. Concorrem ainda com ela “La belle année”, de Angelica Ruffier (Suécia); “A Fading Man”, de Welf Reinhart (Alemanha); “A Messy Tribute to Motherly Love”, de Dan Geesin (Países Baixos); (o luminoso) “My Semba”, de Hugo Salvaterra (Angola); “Nangong Cheng”, de Shao Pan (China); “O Profeta”, de Ique Langa (Moçambique), que carrega certo favoritismo; “Roid”, de Mejbaur Rahman Sumon (Bangladesh); “Supporting Role”, de Ana Urushadze (Geórgia); “Unerasable!”, de Socrates Saint-Wulfstan Drakos (Bélgica); “Variations on a Theme”, de Jason Jacobs e Devon Delmar (África do Sul).

Na entrevista a seguir, via Zoom, a cineasta conversa com o Correio da Manhã sobre suas escolhas no set e sobre espaços urbanos marcados pela erosão econômica.

**Para um filme pontuado pelo intimismo, como “The Gymnast”, sua engenharia de som tem uma potência criativa singular. Como foi lidar com ruídos e silêncios daquele mundo doído?**

**Charlotte Glynn** - Havia um trem passando todo o tempo pelas locações nas quais trabalhamos. Ele me dava, de alguma forma, a medida do som ambiente. Fora isso, existe um ginásio de esportes, com pessoas se movendo todo o tempo. Assim sendo, eu não quis uma trilha que guiasse as cenas. Deixo a emoção se expressar pelo plano, na imagem.

**De que maneira Pittsburgh é uma espécie de terceira protagonista num filme de filha e pai?**

Em Pittsburgh, eu encontrei um espaço onde os rios formam uma fronteira entre as vizinhan-

ças. É uma cidade que, ao longo dos anos 1990, perdeu a extração do ferro, que a sustentava, e teve de buscar uma outra identidade. Neste caso, assumir uma cidade assim como personagem é uma forma de discutir de que forma uma geografia pode segregar.

**Nesse contexto, de que maneira a solidão entra como elemento dramático?**

Esse é um sentimento universal, que pode ser sentido de formas diferentes. Estamos sempre em busca de alguém que possa nos entender. Monica e seu pai são pessoas sós. No entanto, na busca por conexão emotiva com outros personagens, é como se eles formassem um time. Gosto dos filmes de esporte também por essa perspectiva deles: time.

**Qual foi o maior desafio na recriação dos anos**



“Este é um filme de pouco dinheiro, de equipe pequena. Não tínhamos como gastar na recriação dos espaços, nem nos uniformes das ginastas. Por sorte, esses trajes das atletas não mudaram muito”

**1990?**

Este é um filme de pouco dinheiro, de equipe pequena. Não tínhamos como gastar na recriação dos espaços, nem nos uniformes das ginastas. Por sorte, esses trajes das atletas não mudaram muito. Tivemos que correr atrás de um ginásio que se parecesse com um salão da década de 1990, onde pudéssemos concentrar a ação.

**O trabalho de iluminação da sua diretora de fotografia, Kayla Hoff, impressiona sobretudo pela forma de caracterizar uma Pittsburgh do passado e explorar angústias das personagens. Como foi a construção dessa luz do filme?**

Kayla é uma profissional rá-

pida, numa equipe enxuta, que trabalhou o roteiro comigo, buscando o entendimento do nível de realismo que ambicionávamos. É uma trama que precisa se conectar com a realidade, mas com o cuidado de não exigir muito de sua protagonista, que é uma iniciante. Nossa montadora, Lia Kulakauskas, é brasileira e trouxe também um olhar particular para o filme.

Divulgação



## SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES



Marco Terranova | Riotur

O povo precisa voltar aos desfiles na Marquês de Sapucaí

## Uma inversão carnavalesca

O CARNAVAL CARREGA, DESDE SUA ORIGEM, a marca da disrupção. É a festa que nasce para virar o mundo de cabeça para baixo, para embaralhar hierarquias, suspender regras e permitir que o povo ocupe, com corpo, voz e alegria, aquilo que lhe é negado durante o resto do ano. O carnaval é, por essência, um ritual de inversão.

**TALVEZ POR ISSO OS ENSAIOS TÉCNICOS** do Grupo Especial tenham se transformado num espelho tão revelador - e incômodo - do que o carnaval deveria ser. Na primeira rodada deste fim de semana, a Marquês de Sapucaí estava exatamente como se espera de uma avenida carnavalesca: cheia, vibrante, democrática, participativa, pulsando vida e energia.

**UM ESPAÇO DE REENCONTRO** das escolas com seu povo e, mais profundamente, com seu terreiro simbólico. Porque a Sapucaí não é só passarela, é chão sagrado.

**ESSA CENA É BONITA.** É potente. Mas também denuncia uma contradição. A atmosfera que deveria dominar os dias oficiais de desfile aparece hoje com mais força neste pré-carnaval que virou mais uma peculiaridade carioca. O ensaio técnico se transformou no momento em que o povo consegue estar.

**ISSO É BOM? EVIDENTE QUE SIM.** O carnaval precisa dessa energia para existir. Mas isso também é ruim. Ruim porque escancara um processo longo de elitização que não começou agora, nem pode ser atribuído apenas à atual gestão da Liesa.

**TRATA-SE DE UM MOVIMENTO** de pelo menos três décadas, marcado sobretudo pelo encarecimento progressivo dos ingressos, muito além da capacidade de quem vive de salário mínimo.

**HOJE CONVIVEMOS COM SUPERCAMAROTES** vendidos a preços estratosféricos. Ingressos de R\$ 3 mil para um único dia de desfile, ainda que com open bar e open food. Enquanto isso, uma arquibancada custa cerca de R\$ 250. Em tese, alguém poderia assistir aos três dias gastando R\$ 750. No mercado de grandes eventos, talvez não seja um valor absurdo. Um show de grande porte pode custar isso. Mas o carnaval não é um show qualquer.

**É UMA FESTA CRIADA POR GENTE POBRE,** sustentada culturalmente por comunidades inteiras e cujo sentido histórico é, justamente, o acesso popular.

**É VERDADE QUE HÁ INGRESSOS GRATUITOS** e populares destinados às comunidades das escolas. Mas isso ainda é pouco. Se queremos uma avenida quente, viva e cheia de energia como a que vimos nos ensaios técnicos, é preciso ir além.

**TALVEZ SEJA HORA DE OS ÓRGÃOS PÚBLICOS** de cultura - ministérios, secretarias estaduais e municipais - atuarem junto aos organizadores. E por que não envolver também os patrocinadores, que hoje surgem em profusão graças ao bom trabalho comercial da Liesa? O subsídio de ingressos populares pode ser uma dessas ações.

**O CARNAVAL JÁ MOSTROU, NOS ENSAIOS,** o que ele ainda pode ser no contexto do Rio de Janeiro. Falta fazer com que isso volte a acontecer quando realmente importa.



Divulgação

Cyda Moreno já viveu a escritora em espetáculo teatral encenado em vários estados

## Carolina Maria de Jesus para encantar a avenida

Após sucesso em novela, Cyda Moreno será destaque da Unidos da Tijuca representando a escritora que transformou a fome em literatura

AFFONSO NUNES

Entre a “Vó Yara” de “Dona de Mim” e Carolina Maria de Jesus, Cyda Moreno encontrou um território comum: dar corpo e voz a mulheres negras que transformaram adversidades em força. Depois de viver a matriarca carismática na novela da TV Globo, a atriz se prepara para brilhar na Marquês de Sapucaí como destaque da Unidos da Tijuca, que homenageia a escritora mineira que tornou visível a fome e a miséria das favelas brasileiras na década de 1960.

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento (MG) em 1914 e migrou para São Paulo, onde viveu na favela do Canindé. Catadora de papel, mãe solo de três filhos, registrava seu cotidiano em cadernos encontrados no lixo. Suas anotações chegaram ao jornalista Audálio Dantas em 1958, que reconheceu ali um relato literário sem precedentes na cultura brasileira. “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada”, lançado em 1960, vendeu 10 mil exemplares na primeira semana e foi traduzido para mais de 13 idiomas, tornando-se um dos livros brasileiros mais lidos no exterior.

O enredo da Unidos da Tijuca, assinado pelo carnavalesco Edson Pereira, resgata essa trajetória mar-

“O desfile exaltará as mulheres negras, centenas de ‘Carolinas’ que lutam contra a fome, por respeito, por dignidade e pelos direitos de cidadãs”

CYDA MORENO

cada por exclusão, racismo e resistência. Cyda, que já interpretou Carolina no teatro durante seis anos consecutivos com o espetáculo “Eu Amarelo, Carolina Maria de Jesus”, agora leva a escritora ao maior palco a céu aberto do mundo. “Ela é um exemplo de força, resistência e superação do racismo, da miséria e da exclusão. O desfile exaltará as mulheres negras, centenas de ‘Carolinas’ que lutam contra a fome, por respeito, por dignidade e pelos direitos de cidadãs”, afirma a atriz.

A montagem teatral estreou no Rio em 2018 e percorreu cidades do

Sudeste e Nordeste, apresentando ao público a escritora que, apesar do sucesso inicial, morreu em 1977 esquecida e em situação precária. A redescoberta de Carolina nas últimas décadas tem revelado uma obra que vai além do livro que a projetou: ela publicou romances, poesia e outros diários, consolidando-se como uma das vozes mais importantes da literatura brasileira do século 20.

No desfile da Unidos da Tijuca, Cyda estará no terceiro carro alegórico representando a favela e a obra que expôs as entranhas da desigualdade brasileira. “Vou atuar como a Carolina mais velha, revendo sua história. O livro é um retrato contundente da miséria e de quem passa fome no Brasil, situação que atinge diretamente as comunidades negras e periféricas em nosso país até os dias de hoje”, destaca a atriz.

Para Cyda, que acredita no desfile como um ato político e necessário, Carolina ainda é pouco conhecida no Brasil, principalmente pela população negra que se reconheceria em sua trajetória. A escritora transformou sua realidade periférica e sua luta contra a fome em literatura que atravessou fronteiras geográficas e temporais, tornando-se referência nos estudos sobre raça, classe e gênero.

A Unidos da Tijuca desfilará na segunda-feira de carnaval, e a escolha de Carolina como enredo reafirma a importância do carnaval como espaço de memória e reivindicação. Ao levar para a avenida uma mulher que escreveu sobre fome em um país que ainda convive com a insegurança alimentar, a escola cumpre o papel histórico das agremiações carnavalescas de refletir criticamente sobre a sociedade brasileira.



# Hermanos Gutiérrez retornam aos palcos brasileiros

Duo equatoriano-suíço apresenta ‘Sonido Cósmico’ no Circo Voador após show do projeto ‘Viva Hermeto’, capitaneado por Carlos Malta

AFFONSO NUNES

Menos de um ano depois de passar pelo Brasil com apresentações de ingressos esgotados, o duo equatoriano-suíço Hermanos Gutiérrez retorna ao país para nova turnê promovida pelo Queremos!. Os irmãos Alejandro e Estevan Gutiérrez levam ao Circo Voador, nesta quinta-feira (5), seu trabalho mais recente, o álbum “Sonido Cósmico” (2024). Antes da apresentação da dupla, o palco da Lapa recebe o tributo “Viva Hermeto”, capitaneado pelo multi-instrumentista Carlos Malta, reunindo talentos da nova geração de instrumentistas cariocas em homenagem ao genial compositor alagoano.

Com mais de 3,5 milhões de ouvintes mensais no Spotify e passagens por festivais como Coachella e Glastonbury, os Hermanos Gutiérrez consolidaram-se como um dos nomes mais importantes da música

instrumental da atualidade. A sonoridade que desenvolveram mescla elementos da música tradicional latino-americana com influências contemporâneas, criando um universo recebida com entusiasmo pela crítica especializada. “Sonido Cósmico” se destaca por sua estética carregada de misticismo latino.

Em 2025, o Queremos! já havia promovido apresentações da dupla em abril, na Casa Natura Musical, em São Paulo, e no Queremos! Festival, no Teatro Casa Grande. Já o projeto “Viva Hermeto” marca o início das comemorações pelos 50 anos de trajetória musical de Carlos Malta, saxofonista, flautista, arranjador, compositor e educador que integrou por 12 anos o grupo de Hermeto como solista. Desde 1993, Malta desenvolve carreira solo dedicada à circulação e atualização desse repertório, mantendo viva a tradição da improvisação e da experimentação sonora que caracterizam o trabalho do compositor.

Para esta apresentação, Malta convidou o saxofonista Tunico, o



O duo Hermanos Gutiérrez traz ao Rio as canções de seu álbum mais recentes

guitarrista Haroldo Eiras, o baterista Fofo Black, o baixista Giordano Gasperin e o pianista Chico Lira, que também executa o copo, instru-

mento recorrente na obra do compositor homenageado. A proposta é apresentar canções como “Bebê”, “Papagaio Alegre”, “Chorinho Pra Ele” e “Montreux” a partir de leituras que preservam a improvisação e

a recriação como princípios centrais, elementos fundamentais na poética hermetiana. A formação escolhida reflete a vitalidade e a influência do pensamento musical de Hermeto sobre as novas gerações, mantendo seu papel como mediador entre diferentes gerações da música instrumental brasileira.

“Na música, Hermeto é sinônimo de originalidade, criatividade, inventividade e surpresa, tudo que brota de um instante, musical ou não, e que vai desencadear no entorno uma onda sonora capaz de produzir catarses. É a grande escola da música universal para músicos do mundo todo. Reviver esse ambiente sonoro com potência e excelência farão desta homenagem um marco na trajetória de todos, um som que Hermeto vai curtir, de onde estiver!”, destaca Malta.

**SERVIÇO**  
**HERMANOS GUTIÉRREZ**  
Abertura: Viva Hermeto, por Carlos Malta Sexteto  
Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)  
5/2, a partir das 19h (abertura dos portões)  
Ingressos a partir de R\$ 360 e R\$ 180 (meia)

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

### Parceiro de Cazuza revê obra do poeta

O baixista e produtor Nilo Romero apresenta “Cazuza Lado C” nesta quinta (5), às 21h, no Manouche. Parceiro de Cazuza em “Brasil”, Nilo foi baixista de sua banda, diretor musical e produtor dos álbuns “Ideologia” e “O Tempo Não Para”. O show traz nova roupagem à obra do cantor com banda formada por Pablo Uranga (guitarra), Humberto Barros (teclados), Beto Werther (bateria) e Katia Jorgensen (voz).



### Para lembrar Raul Seixas e Rita Lee

O quinteto formado por Aline Lessa (voz e teclados), Luiz Lopez (voz, guitarra, violão de aço e teclados), Lancaster (contrabaixo), Allyson Alves (guitarra) e Kelder Paiva (bateria) apresenta show que reúne as obras de Raul Seixas e Rita Lee nesta quinta (5), às 22h30, no Blue Note Rio. O repertório percorre hits inesquecíveis dos dois ícones do rock brasileiro, revisitando todas as fases dos dois artistas.



### Sozinha no palco, Manda mostra trabalho

A cantora, compositora e multi-instrumentista Manda apresenta o show intimista “Coragem” nesta quinta (5), às 20h30, no Dolores Club. Sozinha no palco, ela se divide entre voz, violão, guitarra, piano e baixo, interpretando repertório de autorais e releituras que incluem referências como Lauryn Hill, Grover Washington Jr., Alicia Keys e Djavan. Seu single “Coragem” acumula mais de 20 milhões de plays.

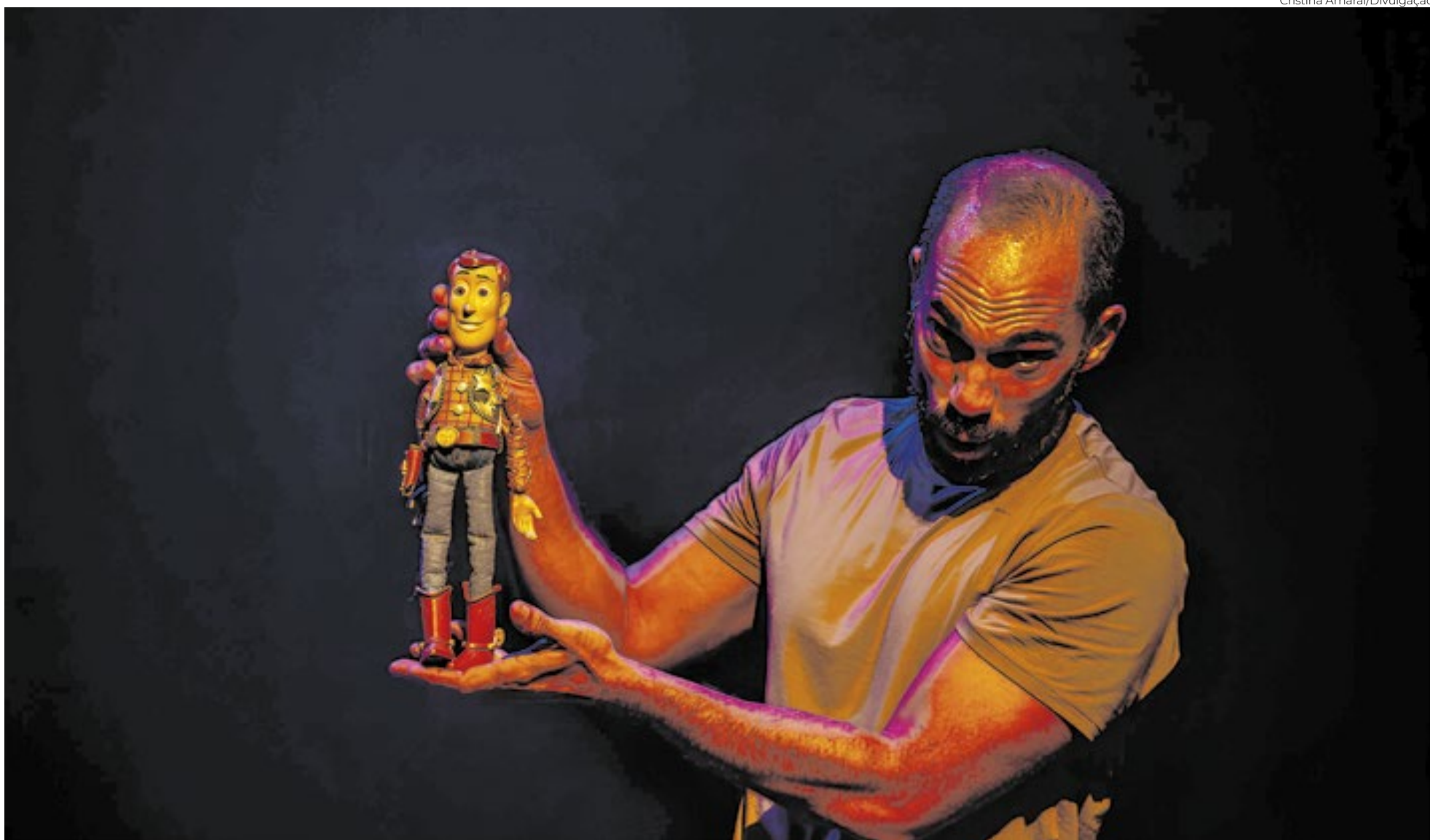


### Sob a (boa) influência de Marisa Monte

A catarinense Lilian retorna ao Blue Note Rio nesta quinta (5), às 20h, com show em homenagem a Marisa Monte. O repertório reúne sucessos da artista como “Ainda Bem”, “Feliz, Alegre e Forte” e “Amor I Love You”. Radicada no Rio e com três álbuns autorais lançados, Lilian ganhou destaque nacional após participação no The Voice Brasil (TV Globo) e por ter sua canção “Prece” gravada pelo Padre Fábio de Melo.







Tatá Oliveira usa brinquedos em cena no primeiro monólogo de sua carreira

# Cartas ao futuro

O espetáculo “Uma Carta para Meus Netos”, em cartaz no Sesc Tijuca, parte de um procedimento dramatúrgico ao mesmo tempo simples e complexo: um homem escreve uma carta endereçada a netos que ainda não nasceram. Nesse exercício de imaginação e memória, o artista Tatá Oliveira — que idealizou, escreveu e interpreta o solo — percorre sua própria história familiar, revisitando modelos afetivos herdados de pais e avós, questionando padrões de comportamento e investigando o que se repete, o que se transforma e o que se pode, conscientemente, escolher transmitir ou interromper. Com direção de Débora Salem, a montagem combina teatro de objetos, bonecos e performance para construir uma narrativa íntima sobre masculinidade, paternidade e escuta emocional.

Integrante há três décadas da Artesanal Cia. de Teatro, Tatá estreia aqui seu primeiro monólogo, obra que sintetiza uma pesquisa artística amadurecida ao longo de sua trajetória no teatro e no audiovisual. A linguagem

Tatá Oliveira apresenta monólogo que investiga heranças afetivas entre gerações e questiona padrões de masculinidade e paternidade por meio do teatro de objetos

cênica adotada borra deliberadamente as fronteiras entre autobiografia e ficção, criando um território onde memórias reais e situações inventadas se entrelaçam. Os brinquedos utilizados em cena funcionam como arquétipos emocionais, símbolos reconhecíveis da infância que revelam

tensões, expectativas e fragilidades nas dinâmicas familiares. Segundo o ator, “entre lembranças, invenções e objetos carregados de memória, o palco se transforma em território de reflexão sobre as transformações geracionais e os desafios de educar, amar e escutar em tempos de mudança”.

A dramaturgia não oferece respostas prontas nem julgamentos morais sobre as figuras paternas e avós que atravessam a narrativa. Ao contrário, propõe perguntas e abre espaço para que o público reconheça suas próprias heranças afetivas nas situações apresentadas. A encenação aposta na sutileza para abordar questões urgentes como a reprodução inconsciente de padrões familiares, a dificuldade masculina de expressar afeto e vulnerabilidade, e os silêncios que atravessam gerações. “O avô que aconselha, o pai que silencia, o filho que não compreende — todos coexistem em um mesmo corpo narrativo, revelando que o conflito entre gerações é também um espaço possível de aprendizado e transformação”.

A estrutura dramatúrgica, dividida em prólogo e epílogo, permite que o espetáculo circule

“O avô que aconselha, o pai que silencia, o filho que não compreende — todos coexistem em um mesmo corpo narrativo, revelando que o conflito entre gerações é também um espaço possível de aprendizado e transformação”

TATÁ OLIVEIRA

por diferentes temporalidades: o presente da escrita da carta, o passado das lembranças familiares e o futuro imaginado dos netos ainda não nascidos. Essa construção temporal fluida é reforçada pela direção de movimento de Paulo Mazzoni e pela preparação em formas animadas de Marise Nogueira, que imprimem ao corpo do ator e aos objetos manipulados uma qualidade poética que amplia os sentidos do texto. O desenho de luz de Rodrigo Belay e o videomapping de Carolina Godinho completam o universo cênico, criando atmosferas que transitam entre o íntimo e o oní-

rico.

Embora a montagem seja classificada para maiores de 16 anos e dialogue diretamente com o público adulto, as questões que coloca reverberam em todas as gerações. Ao falar de paternidade, o espetáculo fala também de filiação; ao questionar a masculinidade, interroga os modos como homens e mulheres são educados para sentir e expressar afeto; ao revisitar o passado familiar, convida a pensar sobre que futuro é possível construir a partir do reconhecimento dessas heranças. Mais do que uma peça sobre relações familiares, “Uma Carta para Meus Netos” é uma reflexão sobre o que transmitimos — querendo ou não — e sobre a possibilidade de transformar, pelo exercício da consciência e da escuta, aquilo que recebemos em algo novo.

## SERVIÇO

### UMA CARTA PARA MEUS NETOS

Teatro 2 do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)  
Até 8/2, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)  
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia)  
R\$ 21 (associado Sesc) e grátis (PCG)